ISSN 1984-5634

ARTIGO

Os intelectuais e a recepção de Edward Palmer Thompson no Brasil

The Intellectuals and the reception of Edward Palmer Thompson in Brazil

Breno Augusto de Oliveira dos Santos[1]

Resumo

Este artigo é o resultado de uma pesquisa sobre a recepção das obras de E. P. Thompson entre os cientistas sociais brasileiros nos anos de 1980, o qual pretende-se indicar a influência das teses do historiador britânico no Brasil. Sua recepção ocorreu diante o advento das lutas sociais e políticas ocorridas no final dos anos 1970 e na década subsequente, tais como o surgimento de movimentos populares, as greves no ABC Paulista, o surgimento da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT). Assim, procuramos indicar a partir de um levantamento bibliográfico e entrevistas a forma como os cientistas sociais brasileiros redimensionaram a noção de *classes sociais* e *luta de classes* frente as configurações sociais que se apresentavam naquele contexto. Com a predominância de interpretações baseadas por macroteorias econômicas, funcionalistas e estruturalistas, intelectuais passaram a introduzir cada vez mais teorias que destacavam a agência humana, entre as quais, as de E. P. Thompson.

Palavras-chave: Thompson; Recepção; Redemocratização.

Abstract

: This article is the result of research on the reception of E. P. Thompson's works among Brazilian social scientists in the 1980s, which intends to indicate the influence of the British historian's theses in Brazil. and policies that occurred at the end of the 1970s and in the subsequent decade, such as the emergence of popular movements, the strikes in the ABC Paulista region, the emergence of the Unified Workers' Central (CUT) and the Workers' Party (PT). Thus, based on a bibliographical survey and interviews, we tried to indicate how Brazilian social scientists re-dimensioned the notion of *social classes* and *class struggle* in the face of the social configurations that were presented in that context. With the predominance of interpretations based on economic, functionalist and structuralist macro theories, intellectuals began to introduce more and more theories that highlighted human agency, including those of E. P. Thompson.

Keywords: Thompson; Reception; Redemocratization.

Editor-chefe:
Andrei Marcelo da Rosa
Editore-gerente:
Rame Ferreira

Submetido: 29/05/2023
Aceito: 09/11/2023

Como citar:
SANTOS, B. A. de O. dos. Os intelectuais e a recepção de Edward Palmer Thompson no Brasil. *Aedos*, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 36-53, ago-dez. 2025.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

[1] Doutorando e mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), membro da revista Cadernos Cemarx e colaborador do grupo TESE - Trabalho, Economia, Sociedade e Ensino, do Instituto Federal de São Paulo (IFESP). ORCID iD: 0000-0003-3323-9395. E-mail: brenox4@yahoo.com.br

Introdução

O desembarque literário das obras de E. P. Thompson ocorreu num contexto peculiar na história da sociedade brasileira. No fim da década de 1970, as greves no ABC Paulista agitavam a cena política no país, resultando, na década seguinte, o nascimento das centrais sindicais e do Partido dos Trabalhadores (PT). Além disso, presenciou-se também, nesse período, o surgimento de diversos movimentos sociais com diferentes pautas, destacando-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), os diversos movimentos de bairros, associações, coletivos de luta pela moradia, entre outros (Gohn, 1992).[2]

Com o advento dessas organizações societárias e a eclosão das greves no ABC Paulista, no final dos anos 1970, cientistas sociais procuraram revisar e ampliar conceitos marxistas, como *classes sociais* e *luta de classes*, buscando ir para além do economicismo e do local de produção. Como indicaram Eder Sader e Maria Célia Paoli (1986), a década de 1980 marcaria uma mudança significativa entre as análises que partiam das perspectivas do conceito de classes sociais, pois, segundo os autores, os cientistas sociais daquele contexto apontavam mais para uma heterogeneidade nas lutas sociais do que para a homogeneidade e, por isso, a noção de *classes populares* passou a ser utilizada pelas Ciências Sociais brasileiras.

Logo, as categorias como "novos sujeitos" e "classes populares" foram incorporadas em pesquisas acadêmicas, cujas perspectivas analíticas tenderam, por um lado, ampliar o protagonismo de classe para além do operariado, por outro, produzir críticas à teoria marxista ortodoxa, sugerindo que o modelo clássico do marxismo não seria mais suficiente para explicar a sociedade (Cittadino, 1988).[3]

Dessa maneira, foi com o surgimento dos movimentos populares e do novo sindicalismo que uma parcela da *intelligentsia* brasileira promoveu uma releitura do conceito de classes e dos conflitos sociais, introduzindo obras que destacavam os sujeitos como protagonistas nas lutas sociais, suas experiências e cultura, entre elas, as de E. P. Thompson. Foi nesse cenário que o conceito de *experiência* integraria, em parte, as teses sobre os *novos movimentos sociais* e os *novos sujeitos*, ao mesmo tempo em que a noção de *formação de classe* incorporaria como novidade em pesquisas acadêmicas.

Como destaca Marco Antonio Perruso (2008, p. 69), foi nesse período que os intelectuais voltaram seus olhos para o empírico das lutas populares, buscando o cotidiano, o "fazer-se" da formação de classe, da cultura e suas experiências coletivas. Esse movimento analítico realizado pelos estudiosos dos movimentos populares buscou priorizar "a compreensão 'por dentro' e às vezes 'ao lado' da vida e das lutas dos trabalhadores, e não a conceituação 'por fora' e 'por cima' deles".

Em suma, para compreendermos esse movimento de releitura, elencamos as seguintes indagações: de que forma as obras de E. P. Thompson foram recepcionadas no país? Quem as recepcionaram? E de que maneira os conceitos de *experiência* e *formação de classe* foram incorporados pelos cientistas sociais? Para isso, além da revisão literária, realizamos entrevistas com os intelectuais presentes nas universidades brasileiras nos anos de 1980, os quais exerciam a função como professores e, outros, como estudantes dos programas de pós-graduação.

---

[2] Nas periferias, movimentos surgiam em torno das Comunidades Eclesiásticas de Base (CEB's), movimentos pela alfabetização, conselhos de bairro, saúde, equipamentos de bairros, associações de favelas, além do novo sindicalismo, questão de gênero, dos índios, negros, homossexuais, meio ambiente, entre outros (Sader, 1988; Gohn, 1992; Do Bem, 2006).

[3] Cittadino (1988) explica que os autores apontavam na década de 1980 a insuficiência da matriz marxista para se pensar a ação política, pois afirmariam que o marxismo vincularia todas as esferas da sociedade à economia. Assim, a autora descreve que: "Com efeito, no marxismo, a economia, enquanto sistema de relações abstratas e quantificáveis que, a partir de um determinado tipo de apropriação de recursos produtivos, determina a troca e a repartição de valores, passa a ser erigida em sistema autônomo cujo funcionamento é regido por leis próprias, independentes de outras relações sociais" (Cittadino, 1988, p. 55).

Assim, além desta introdução, o artigo apresenta mais quatro seções. Na primeira, apresentaremos a recepção das obras do historiador britânico, ou seja, quem as recepcionou, o embate teórico e as contribuições das categorias thompsionianas para as Ciências Sociais brasileiras. Na segunda seção, apresentaremos os resultados do levantamento bibliográfico, referente às teses, artigos e livros que referenciaram as obras do historiador britânico. Na sequência, indicaremos como e de que forma as categorias centrais de Thompson como *classe*, *formação* e *experiência* foram utilizadas pelos cientistas sociais para interpretarem as lutas sociais no período de redemocratização do país. Por fim, as considerações finais com um balanço dos resultados da pesquisa.

Thompson, os intelectuais e uma breve recepção no Brasil

Frente a um contexto histórico específico, a recepção das teses de E. P. Thompson no Brasil se deve a um conjunto de acontecimentos, dentre eles: a consolidação de importantes instituições de ensino superior, como a Universidade Estadual de Campinas, de centros de pesquisa, como o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC),[4] bem como a expansão de programas de pós-graduação, a chegada de professores estrangeiros e o retorno dos intelectuais exilados no período de Ditadura Militar, juntamente com outros que realizaram seus estudos na Europa e nos Estados Unidos e que introduziram as obras do historiador britânico no país. Além disso, outros elementos foram relevantes, como o surgimento dos movimentos populares insurgentes, o novo sindicalismo, as Diretas Já e a redemocratização do país, possibilitando, assim, uma atmosfera positiva para a ampliação de novos debates acadêmicos.[5]

Logo, foi a partir de condições históricas específicas que as obras do historiador britânico foram divulgadas no país. Vejamos algumas experiências que contribuíram para a difusão das teses de E. P. Thompson no Brasil. É o caso do professor e pesquisador Michael M. Hall, que chegou a convite de Paulo Sérgio Pinheiro para lecionar na Universidade Estadual de Campinas, nos anos 70.

> Esse momento era o auge do althusserianismo, especialmente entre o pessoal da Ciência Política e da Sociologia. Até o Paulo Sérgio tinha sido aluno do Nicos Poulantzas, em Paris, e Décio Saes e vários outros estavam lá na Unicamp, muito influenciados pelos escritos de Althusser. Portanto, o nosso curso era um mini escândalo. Não sei quantos alunos vinham do Partido Comunista, mas alguns davam pequenas aulas de ortodoxia leninista para nós. Era muito estranho, porque a reação ao Thompson era uma mistura de incompreensão e indignação dos alunos. Parte do problema era que eles não eram historiadores. Então, estavam também muito preocupados com o perigo da "contaminação pela empiria" (Fontes; Macedo, 2016, p. 825).

O pesquisador Kazumi Munakata (2006 apud Perruso, 2008, p. 102) relembra que a introdução de Thompson, nos anos 1980, "[...] foi uma possibilidade de se estudar o movimento operário sem fazer aquela coisa meio lukacsiana de que 'tal situação, necessariamente tal consciência'". Relato compartilhado pelos jovens antropólogos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) quando desenvolviam suas pesquisas à luz das obras do historiador britânico. José Sérgio Leite Lopes relatou que o contato com a obra ocorreu via Ligia Sygaud, no início do doutorado, com um pequeno grupo de leitura.

> No caso eu, Rosilene [Alvim], Olga Lopes da Cruz, que é uma outra pesquisadora, e outras pessoas fizeram um grupinho pequeno e começamos a ler o Thompson. A gente tinha tido

[4] Destaca-se o relato do professor e pesquisador Michael McDonald Hall da Universidade Estadual de Campinas. "Ao que me lembre, foi no Cedec, que era um espaço estimulante, inicialmente com sede num prédio ao lado da PUC, e tinha pessoas interessantíssimas. Maria Vitória Benevides, Francisco Weffort e vários professores visitantes passaram por lá. Eu acho que foi lá que eu conheci grande parte das pessoas da USP" (Fontes; Macedo, 2016, p. 822).

[5] O historiador Sidney Chalhoub (2001 *apud* Ramos, 2014, p. 209) descreveu o imaginário de época da seguinte forma: "Era um momento histórico raro, desses em que a crença no futuro vira *experiência coletiva*. À história vivida pertencia também a empreitada de produzir conhecimento histórico. Surgiam novos programas de pós-graduação, os debates teóricos alargavam-se, possibilidades de pesquisa e exploração de fontes inéditas apareciam a cada dia".

> contato nas vendas de livros estrangeiros, que a gente estava sempre, nessa época bem repressiva, a gente... apareciam, de vez em quando, livros estrangeiros, assim, a bom preço pra comprar. Então apareciam esses livros [...] e a gente comprou o Thompson nos anos 70 ou 71, por aí. [...] Não era lido antes. Mesmo aqui era pouco conhecido, né? Mas aí, nessa época em 75, em 76, a gente estava lendo Thompson e isso coincidia até com o que a gente estava vendo lá em Recife, com esses grupos de operários que estavam se organizando e tal (Perruso, 2008, p. 298).

Para o sociólogo José Ricardo Ramalho, Thompson foi introduzido a partir de "[...] um trabalho de sociologia que atribuía à história uma importância muito grande. Todo trabalho de levantamento de fontes históricas, todo esse trabalho foi realizado muito fortemente" (Perruso, 2008, p. 298). Já a sua recepção na Universidade de São Paulo (USP) ocorreu via Maria Célia Paoli, cujo orientador foi Eric Hobsbawm, na Universidade de Londres. Paoli, juntamente com Eder Sader, Marco Aurélio Garcia, Vera da Silva Telles, Silvio Caccia Bava, Amnéris Maroni, Marcos Nobre, entre outros, participaram na organização da revista Desvios,[6] a qual Thompson foi uma referência. Segundo Telles, "eu lia a Hanna Arendt, uma série de influências e tive um encontro com a Maria Célia que nos apresentou Thompson, ela vinha do debate inglês, foi ela que introduziu o Hobsbawm e o Thompson" (Telles, 2017).

A primeira obra de E. P. Thompson publicada no Brasil foi *Miséria da Teoria ou um planetário de erros*, traduzida para o público brasileiro em 1981 pela editora Zahar, e o principal artigo lido no período pelos estudantes dos programas de pós-graduação foi *Luta de Classes sem Classes e Economia Moral da Multidão*. Contudo, a principal obra encontrada nas referências é a *Formação da Classe Operária Inglesa*, a qual seria traduzida e publicada no Brasil apenas em 1986, pela editora Paz e Terra. Entre os responsáveis por sua publicação estava Michael Hall, que também tentou publicar outras obras. Como nos relatou Hall em entrevista:

> Eu trabalhava com a Paz e Terra nos anos 80 e nós queríamos publicar em português aquela coleção que saiu em espanhol Tradicion Revuelta y consciencia de clase, um título pouco thompsoniano, mas Thompson respondeu que não estava autorizando mais (Hall, 2016).

Outro pesquisador que também dialogou com as obras de Thompson foi Antônio Sergio Alfredo Guimarães, cuja formação foi pela Universidade Federal da Bahia e o doutorado na Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos. Segundo ele, os seus primeiros contatos com os trabalhos de Thompson foram no período de estudos na instituição superior estadunidense. Portanto, foi durante sua pós-graduação em Wisconsin que ele estudou o conceito de classes fora do modelo clássico ortodoxo, ou seja, "classe não seria realmente só um conceito analítico dentro de uma teoria forte sobre uma realidade não transparente à observação, mas seria, digamos, uma categoria construída pelos atores. Era muito Thompson, Gramsci, Hobsbawm: a escola inglesa" (Rios; Gato; Sotero, 2016, p. 78). Em entrevista, esclarece-nos que,

> Eu tive a formação marxista clássica estruturalista, pois tentávamos conciliar – isso aconteceu em minha formação acadêmica – a teoria do materialismo histórico com a teoria das classes. A sociologia deveria pensar a relação entre estrutura e ação, tínhamos muita preocupação com isso e quando comecei a pensar a minha dissertação, tudo ficou um pouco mais desafiador, pois eu comecei trabalhando com a formação da burguesia baiana. Eu não sei se poderia chamar de burguesia, mas só a ideia de chamar de burguesia já era realçar o caráter de classe, a importância de atores e de agentes. [...]. Como o meu trabalho estava no campo do marxismo, Thompson entrava de forma bilateral. Quando cheguei nos Estados Unidos para o doutorado, 1982, passei a ter contato com os escritos de Thompson, mas mesmo nos Estados Unidos a minha maior influência não era a historiografia inglesa (Guimarães, 2017).

[6] A revista Desvios foi criada pelo coletivo autonomista o qual, presente no interior do Partido dos Trabalhadores na década de 1980, produzia críticas à ortodoxia marxista-leninista. Entre os membros estavam: Marco Aurélio Garcia, Eder Sader, Marilena Chauí, Amnéris Maroni, Edmilson Brizeti, Elio Cunha, Elisabeth Souza Lobo, Márcia Possatti, Marco Antônio Oliveira, Maria Célia Paoli, Maria Helena Oliva Augusto, Nena Fingermann, Rubens Possatti, Sílvio Caccia Bava, Vera Silva Telles, Zelinda Cunha, entre outros, reinterpretavam as lutas sociais introduzindo "novos personagens" e reivindicando a autonomia dos sujeitos no fazer de sua própria história.

Por fim, Paulo Sérgio Pinheiro, professor de Ciência Política no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, entre 1971 e 1985, na Unicamp, cujo contato com Thompson e a História Social foi a partir de seus estudos na França no período em que participou do seminário de George Haupt e Robert Paris. De volta ao Brasil, articulou a organização do acervo Edgard Leuenroth, o qual se constituiu como um importante recurso documental para a pesquisa sobre os trabalhadores brasileiros, seu modo de vida, cultura e organizações de classe. Desse modo, introduziu ao debate analítico o grupo de historiadores britânicos, os quais passariam a influenciar as pesquisas sobre o movimento operário. Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro foram os responsáveis pela introdução das obras de E. P. Thompson no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, após lecionarem numa disciplina na Ciência Política ainda na década de 1970.

> Eu e Michael tínhamos seminários em conjunto, e nós obrigávamos os estudantes lerem o Thompson. Eu não sei se fomos nós que introduzimos o Thompson, mas eu não me lembro de outras pessoas utilizarem e falarem de Thompson, a não ser nós (Pinheiro, 2017).

Os autores relembram as resistências sobre a introdução dos textos de Thompson, os quais possibilitaram problematizar teorias ortodoxas, abrindo caminho para os estudos das experiências cotidianas. Segundo Michael Hall, foi no curso realizado na Ciência Política em Campinas que Thompson foi introduzido. Logo, a leitura do historiador britânico acabou sendo um "miniescândalo" entre os alunos, pois haveria uma influência entre os estudantes de leituras do Partido Comunista (Fontes; Macedo, 2016). De acordo com Michael Hall, as resistências vinham por causa da ortodoxia na época.

> [...] eu e Paulo Sérgio usávamos em inglês e isso era parte da resistência. Eu acho que era os alunos anti-imperialistas não iam ler em inglês. [...] a versão do marxismo nas ciências sociais no geral eu achei muito a sério, era um marxismo sem *luta de classes*, pois era derivado por uma lógica da acumulação ou práticas imputadas às classes sociais, sem muita preocupação com que os alunos dos anos 70 chamam de a mera empiria (Hall, 2016, grifo meu).

Nesse período, Francisco Foot Hardman, estudante no mestrado na mesma universidade no início dos anos de 1980, relatou que,

> Havia uma forte presença althusseriana, dentro de um contexto maior, que foi uma forte influência na academia brasileira das teorias estruturalistas [...]. Começamos ler o Thompson na década de 70, e no Brasil não tinha nada parecido, e isso marcou e foi importante na formação da pós-graduação do IFCH naquele momento e do arquivo Edgard Leuenroth, era a fonte para todos aqueles colegas que começavam as suas pesquisas (Hardman, 2017).

Se a influência do historiador britânico chegava via intelectuais brasileiros com experiências internacionais e estrangeiros convidados, o seu sucesso deve-se, possivelmente, ao esgotamento das explicações estruturais e econômicas. Não obstante, esse fenômeno não foi exclusivo à Thompson, haja vista as referências identificadas em artigos e teses nos anos 1980 de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Alain Touraine, entre outros, em pesquisas cujo intuído foi ampliar as perspectivas e horizontes sobre os movimentos populares, as lutas sociais, os conflitos no cotidiano e as formas de dominação e resistência das *classes populares*. Compreender, portanto, a recepção de Thompson e sua influência entre os cientistas sociais brasileiros foi entender também um movimento crítico realizado pela *intelligentsia* em um contexto histórico específico, da ortodoxia para a heterodoxia.

Thompson como referência: um crescimento tendencial

Nesta seção indicaremos alguns dados da pesquisa em relação à recepção das obras de E. P. Thompson a partir de um levantamento bibliográfico de obras, teses e artigos publicados na década de 1980. Neste levantamento, a pesquisa nos indicou que o número de publicações com

citações e referências às suas obras cresceram progressivamente, aumentando consideravelmente no final da década. A introdução das teses de E. P. Thompson ocorreu, principalmente, na região sudeste do país, especificamente em São Paulo e no Rio de Janeiro – apesar do número de editoras concentradas no sudeste do país na década de 1980, os autores não pertenciam necessariamente a essa região.

Ao verificarmos os dados com o contexto histórico, e a forma como os intelectuais abordaram os acontecimentos sociais naquela década, podemos considerar que o número de artigos, teses e livros que citaram e referenciaram as obras do historiador britânico aumentavam concomitantemente com o número de greves e manifestações que cresciam no país. O gráfico 1 ilustra a quantidade de livros, artigos, dissertações e teses que citaram ou/e referenciaram Thompson e o gráfico 2 indica o número de greves no Brasil na década de 1980.

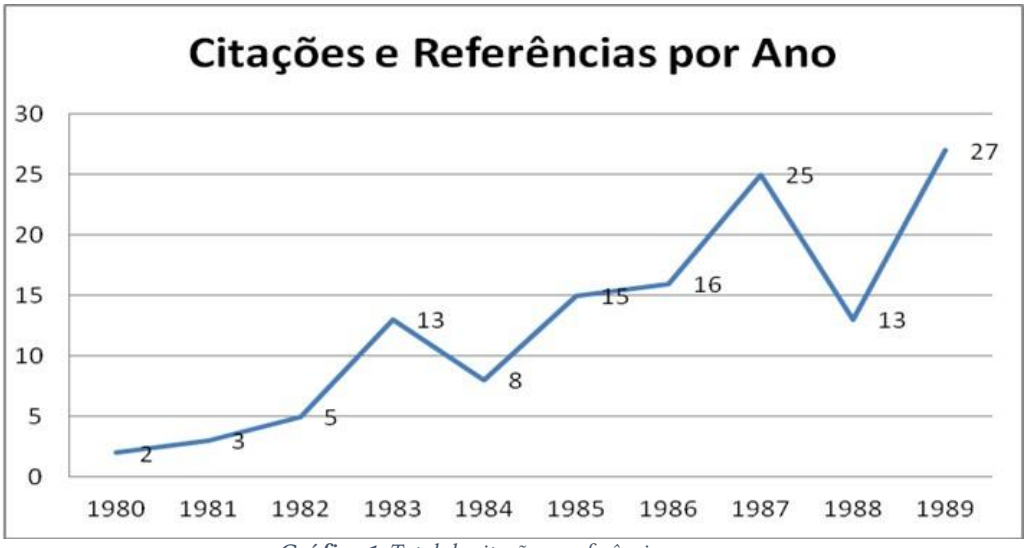

Gráfico 1. *Total de citações e referências por ano.*
Fonte: elaboração própria (2016).

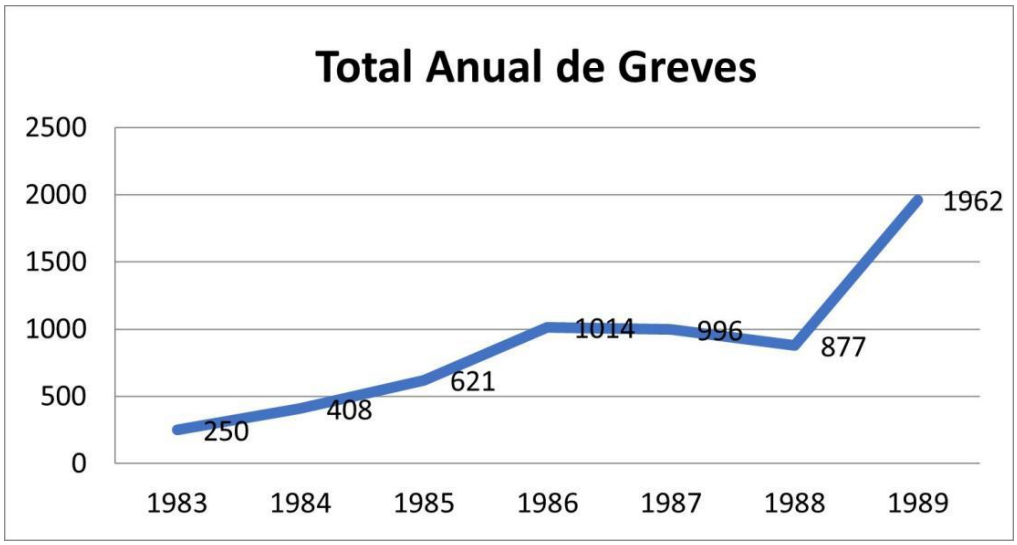

Gráfico 2. *Ciclo de Greves na década de 1980.*
Fonte: Dieese <http://www.dieese.org.br/balancodasgreves/2012/estPesq66balancogreves2012.pdf>.

Além disso, considera-se também um aumento relativo do número de programas de pós-graduação nas instituições de ensino superior públicas no país e, do mesmo modo, pesquisas relacionadas aos conflitos sociais no campo e nas cidades. Outrossim, os centros de pesquisas como o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC) permaneciam como importantes instituições tanto para pesquisa como

para as publicações, as quais referenciaram o historiador britânico. O gráfico 3 indica-nos as publicações por região com referências à Thompson.

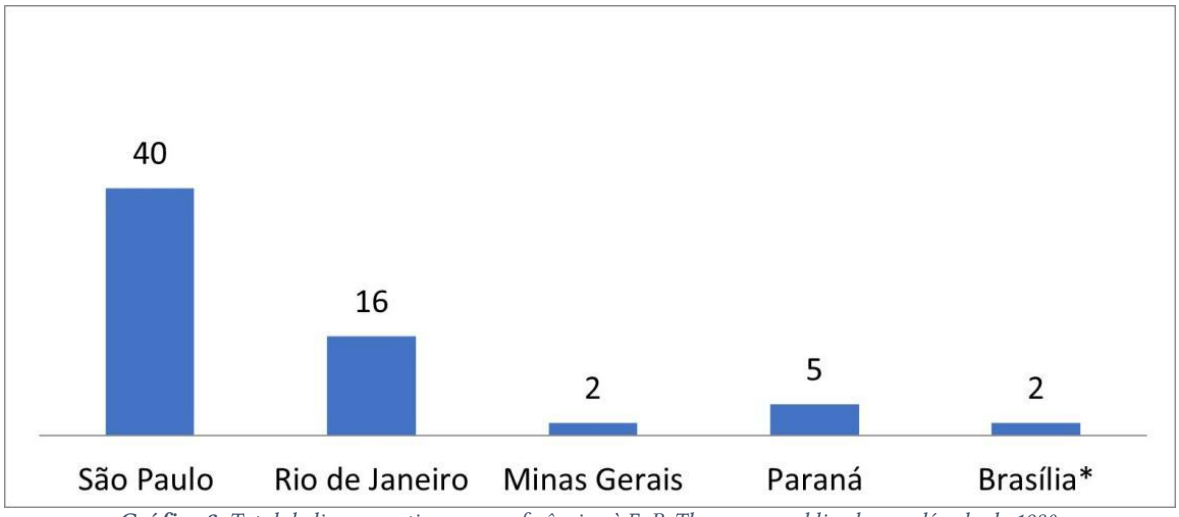

Gráfico 3. *Total de livros e artigos com referências à E. P. Thompson publicados na década de 1980.*
*Fonte: elaboração própria (2016). *Publicações compartilhadas com São Paulo*

Entre as publicações de livros e artigos, nota-se que São Paulo concentra o maior número de publicações, o que não significa que os autores que referenciaram Thompson de forma direta ou indireta sejam da mesma localidade. Em relação às revistas que recepcionaram as teses do historiador britânico, destacaram-se as do campo da História, tais como a Revista Brasileira de História da Associação Nacional de História (ANPUH), *História: questões e debates*, periódico da Universidade Federal do Paraná, e a *Revista de História*, da Universidade de São Paulo, além do periódico interdisciplinar do CEBRAP, Novos Estudos e Estudos CEBRAP.

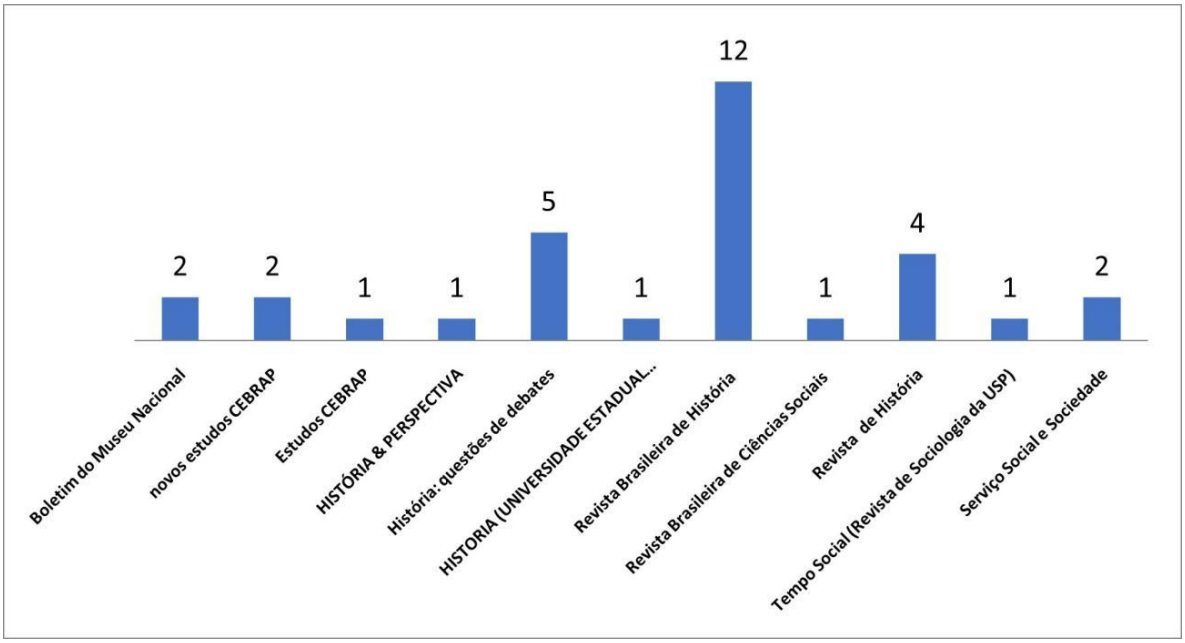

Gráfico 4. *Total de artigos publicados por revista com citações e referências à E. P. Thompson.*
Fonte: elaboração própria (2016).

Destaca-se, também, a introdução de Thompson às pesquisas de alunos dos programas de pós-graduação – como ilustra o gráfico 5 - em instituições como a Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Entre os

intelectuais referenciados em pesquisas e livros, sejam orientadores ou autores que introduziram de forma significativa às teses de E. P. Thompson, concomitantemente citados nos trabalhos de Marco Antonio Perruso (2008), Marcelo Badaró Mattos (2012) e Igor Guedes Ramos (2014), destacam-se: Michael McDonald Hall, professor da Universidade Estadual de Campinas; Robert Slenes, professor colaborador dessa mesma universidade; José Sérgio Leite Lopes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; José de Souza Martins, da Universidade de São Paulo; Déa Ribeiro Fenelon, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Eulália Maria Lahmeyer Lobo, que foi professora e colaboradora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense; Maria Stella Martins Bresciani, da Universidade Estadual de Campinas; Edgar Salvadori de Decca, professor dessa mesma universidade e Eder Sader, que foi professor na Universidade de São Paulo.

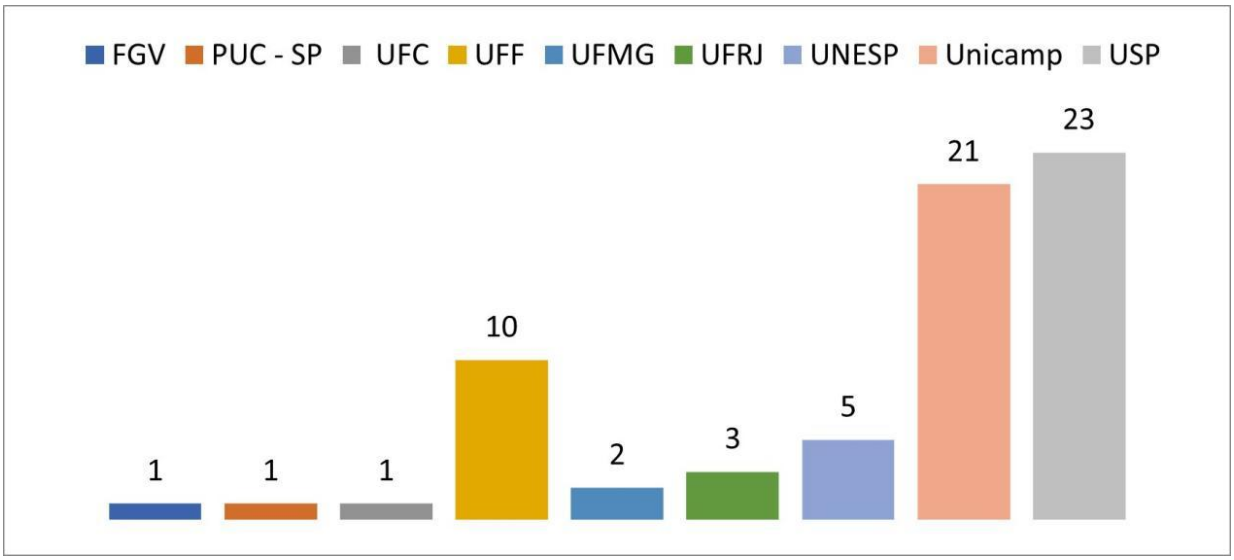

Gráfico 5. *Dissertações e teses publicadas por instituição que referenciaram E. P. Thompson.*
Fonte: elaboração própria (2016).

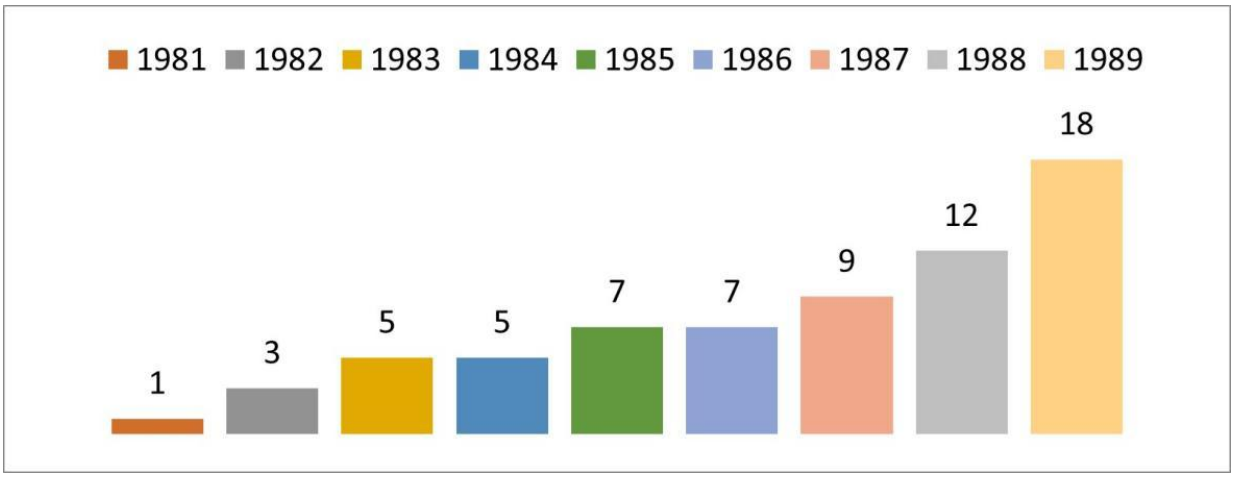

Gráfico 6. *Dissertações e teses publicadas por ano e referenciaram Thompson.*
Fonte: elaboração própria (2016).

Entre as instituições, a Universidade de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas obtiveram o maior número de teses e dissertações com citações e referências à E. P. Thompson. Apesar dessa recepção ter sido realizada destacadamente entre os historiadores brasileiros, as teses de E. P. Thompson ultrapassaram as fronteiras da historiografia, chegando a influenciar outros campos e institutos acadêmicos.[7] O gráfico 7 indica que no interior do debate sobre as lutas populares, a tese do historiador britânico sobre *formação* e *luta de classes* a partir do conceito de

[7] Sobre a recepção de E. P. Thompson em pesquisas acadêmicas, ver também Ramos (2014).

experiência foi recepcionada por sociólogos, antropólogos e cientistas políticos, além de especialistas da Educação, do Serviço Social e das Relações Internacionais.

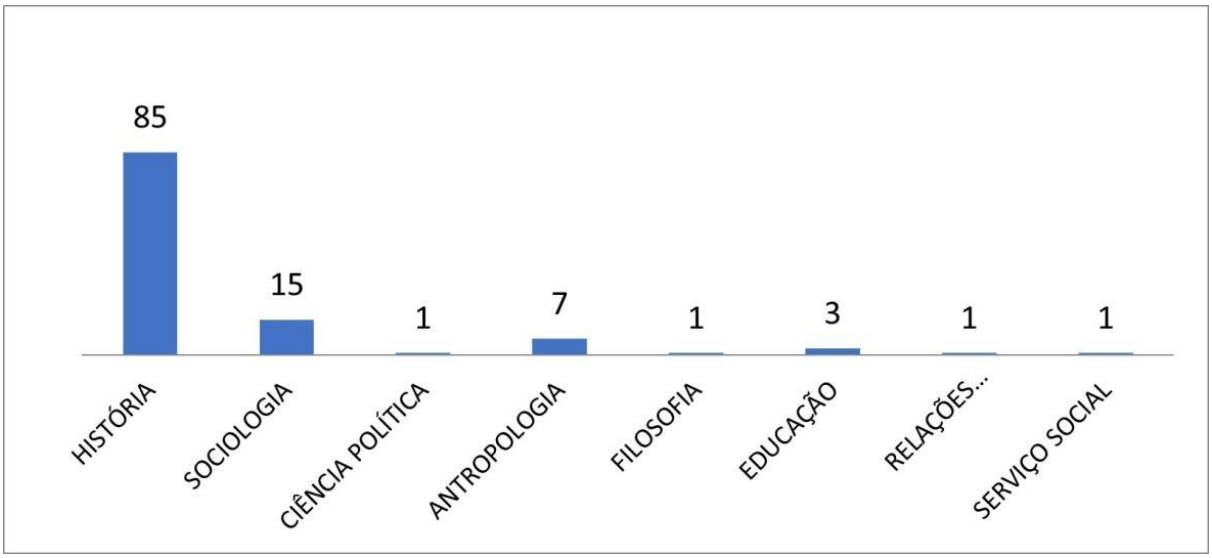

Gráfico 7. *Referência e citação por área científica.*
Fonte: elaboração própria (2016).

Apesar das obras de Thompson serem apreendidas em sua maioria pelos historiadores, nota-se que o debate em torno das classes sociais e a ampliação proposta pelo referido historiador esteve presente em outras áreas do conhecimento que adotaram suas teses e categorias em suas pesquisas acadêmicas. Desse modo, o que o levantamento indicou-nos foi o crescimento tendencial à recepção das teses do referido historiador. Ou seja, diante do revisionismo em relação às categorias propostas por Karl Marx na década de 1980 e da crítica às teses economicistas e estruturalistas – como apresentamos na seção anterior e verificaremos na próxima – as teses de Thompson passaram a ser acolhidas por diversas áreas e, notadamente, as Ciências Sociais.

Usos das categorias thompsonianas

Nesta seção, indicaremos os usos de categorias desenvolvidas pelo historiador britânico na década de 1980, entre as quais, *formação* e *experiência*. Desse modo, entendemos que os cientistas sociais daquele período promoveram um diálogo interdisciplinar, especialmente com a História Social, retomando o cotidiano, as *experiências vividas* e o *fazer da classe*.

Esse movimento teórico, cujo sentido foi de crítica ao modelo economicista e teleológico das classes, buscava dar ênfase às experiências cotidianas e as organizações populares. Assim, a análise dos artigos produzidos na década de 80 indica-nos um novo movimento teórico já iniciado na década anterior. Segundo Paoli (1984), havia naquele momento o impulso de uma nova produção, cujo marco foi 1968 na França e, no Brasil, 1978 com as Greves do ABC e o advento dos movimentos populares. De acordo com a autora, foi nesse contexto que ocorreu uma revisão crítica ao modelo sociológico anterior, dando a ênfase a emergência dos movimentos sociais como a imagem concreta de um "novo" modelo de interpretação.

A principal descoberta, de acordo a autora, foi a heterogeneidade da sociedade brasileira, antes vista como forma negativa. Essa heterogeneidade agora aparece de forma positiva pelos cientistas sociais, pois constituiria como diversidade de experiências vividas no interior das relações sociais das classes. Essas relações acontecem no cotidiano, vistas agora como elemento de importância para o entendimento das lutas sociais. Por isso o diálogo com as teses de Thompson, uma vez que serviam como ferramentas teóricas para entender essa nova configuração, pois para "usar uma expressão da moda (originalmente acunhada por E. P. Thompson) a tentativa é reconstruir este trajeto 'no seu fazer-se'" (Paoli, 1984, p. 19).

Dulce Maria Pompêo de Camargo Leme (1986), por exemplo, se embasou na obra "A formação da classe operária Inglesa" para tratar as *experiências* do movimento operário ferroviário e suas formas de organização, solidariedade e greves nas primeiras décadas da Primeira República, abordando a constituição de classe e luta dos trabalhadores. A classe, desse modo, aparece em nível cultural, constituída no processo de luta, formando-se continuamente a partir de suas *experiências*. Do mesmo modo, Alice Rangel de Paiva Abreu (1986) investigou o trabalho a domicílio na indústria têxtil carioca. A autora retoma a obra de Thompson, *A Formação da Classe Operária Inglesa* em conjunto com outras obras, entre as quais, as de Eric Hobsbawm (*Era das Revoluções*, *Era dos Impérios* e *Era do Capital*) procurando debater as transformações que ditaram o ritmo das atividades produtivas e a disciplina introduzida com a longa jornada de trabalho. As transformações nas relações do trabalho e tipos de trabalho (diferenciação entre qualificados e não qualificados) que se agudizaram a partir do momento de introdução da maquinaria e a substituição do trabalhador qualificado por mulheres e crianças. Para a autora, haveria naquele contexto uma deterioração dos setores artesanais.

Já os estudos que tratam o espaço produtivo, as organizações e o as formas de resistência, como o teatro e o contrateatro da *luta de classes*, podemos destacar os trabalhos como de Luiz Werneck Vianna, na obra A classe operária e a abertura, publicada em 1983, a qual indica o movimento político das frações dominantes da classe burguesa, o papel do Partido Comunista e o fenômeno do sindicalismo no final da década de 1970. Para isso, retoma algumas reflexões teóricas importantes para a compreensão de seu objeto de pesquisa (a classe operária), articulando não somente a obra clássica de Thompson – *A Formação da Classe Operária Inglesa* –, como também as de Eric J. Hobsbawm (com *Labouring men: studies in the history of labour*) e as de Antonio Gramsci, para então demonstrar a fábrica como arena política e o operariado como ator.

Do mesmo modo, Thompson aparece no trabalho de Loyola (1980) como referência, sobretudo ao tratar as diversas formas de organização e de luta política da classe operária brasileira, sendo esta, especificamente, da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Por outro lado, o historiador britânico foi referenciado em obras que trataram do cotidiano e as formas de dominação sobre a classe operária. É o caso do trabalho de Ramalho (1989) cujo prefácio foi assinado por José Sérgio Leite Lopes. A obra de Ramalho disserta sobre as relações entre trabalhadores da antiga Fábrica Nacional de Motores, localizada no Rio de Janeiro, na região de Duque de Caxias e gerida pelo Estado. Essa fábrica, marcada por uma estrutura disciplinar, passou por diversos conflitos na década de 1960 após sua venda para a Alfa Romeu, e depois em 1976, quando passou a ser FIAT. Ramalho analisou as formas de organização do operariado em suas entidades e associações de moradores, que passaram a defender direitos.

De acordo com o autor, verifica-se no ambiente fabril tensões entre o Estado, o empresariado e a classe trabalhadora, um processo de dominação nas relações capital-trabalho, mas também as diversas formas de resistência da classe trabalhadora. Assim, entre as obras de E. P. Thompson referenciadas pelo autor, destacam-se: *La formación histórica de La clase obrera*, *Modes de domination et révolution en Angleterre* e *Senhores e Caçadores*. Segundo Ramalho (1989, p. 78), Thompson "enfatiza a importância do estilo teatral para a manutenção de um sistema social", ou seja, uma relação de poder e hegemonia presente nas relações sociais entre dominantes e dominados. Essas relações passaram a ser questionadas e, até mesmo, sofreram resistências dos trabalhadores – o contra teatro – resultando, a partir de uma conjuntura política e econômica, na formação de uma consciência de classe. Para o autor, foram as experiências cotidianas, no sentido thompsoniano, que proporcionaram um aumento da consciência de classe, com as atividades sindicais e conflitos cotidianos, possibilitando, desse modo, questionamentos aos mecanismos de dominação, resultando no processo de uma consciência coletiva, ou seja, uma consciência de classe.

Entre as abordagens sociológicas que destacaram a relevância da categoria *experiência*, encontramos o trabalho de Laís Wendel Abramo, com o capítulo Greve metalúrgica em São Bernardo, publicado na obra *As lutas sociais e a cidade de São Paulo* (1988), organizado por Lúcio Kowarick. A autora procurou compreender o fenômeno da greve dos metalúrgicos de São

Bernardo em 1978, para além de uma simples reivindicação salarial. A questão que norteou este estudo foi se a greve detinha uma dimensão econômica, política, classista e revolucionária ou corporativista. Abramo recorreu a categoria *experiência* de Thompson para indicar a constituição de uma consciência coletiva elaborada no processo de luta e das mais variadas formas e instrumentos. A autora destaca que a greve de 1978 foi o resultado dessas experiências.

> A ideia de dignidade parece ter-se constituído a partir de um profundo sentimento de *injustiça* e *humilhação* vivenciando individualmente pelos trabalhadores no seu cotidiano, socializado parcialmente nas pequenas lutas de resistência e estimulado e elaborado pelo sindicato e sua ação (Abramo, 1988, p. 184-185, grifo original).

Entender as experiências cotidianas como as condições de vida e de trabalho foi o foco dos estudos sobre os movimentos sociais brasileiros. O trabalho de Vera da Silva Telles (1988) se destacou ao desenvolver uma análise sobre os movimentos populares da década de 1970, os quais se tornavam portadores de experiências adquiridas nos bairros da periferia de São Paulo. Segundo a autora, essas organizações populares são portadores de *experiências vividas* em tempos e espaços diferenciados, convivendo com os mais diferentes atores sociais, desde os membros religiosos até militantes sindicais. Dessa maneira, a categoria *experiência*, extraída da obra *Tradición, revuelta y consciencia de clase*, foi fundamental para entender as lutas sociais da década de 1970, possibilitando também compreender de que forma as experiências cotidianas resultaram em consciências coletivas e lutas autônomas, sem a interferência sindical e partidária. Assim, Telles (1988, p. 223, grifo original) esclarece que, na história, "homens e mulheres *fazem suas experiências*" e, dessa forma, as "condições objetivas não existem fora dos acontecimentos vivenciados".

De forma similar, Eder Sader (1988), ao abordar as novas configurações das lutas sociais no Brasil a partir do advento dos movimentos populares no final dos anos 1970 e início da década de 1980, passou também atribuir à ideia de *novos sujeitos*. Procurou, assim entender o significado do que estava acontecendo naquele momento com o surgimento dos movimentos populares e suas lutas, questionando, dessa forma, se os novos espaços políticos estariam reelaborando experiências e uma nova configuração da *luta de classes*. Assim, logo toma a categoria de *experiência* de Thompson para analisar as condições de vida, a vida na metrópole, a ressocialização dos migrantes, a luta pela moradia e os espaços públicos e, dessa forma, entender os padrões de comportamento presentes no cotidiano popular, onde "os movimentos sociais extraíram suas energias" (Sader, 1988, p. 18-19). Além disso, procurou também interpretar como esses movimentos atribuíram suas experiências, dando novos significados e desenvolvendo novas posturas políticas e formas de ação coletiva.

O autor retoma, dessa maneira, a teoria da *luta de classes* de Marx como motor da história e a *experiência* em Thompson como elemento significativo na constituição de identidades e consciências coletivas. Por isso, inseriu a categoria de *sujeito*, indicando que o uso dessa noção consiste no fato de que os agentes dos movimentos sociais aqui tratados expressam uma forma de identidade coletiva, de novos personagens que exercem suas autonomias. Esse "novo sujeito" não poderia ser caracterizado no modelo tradicional no âmbito da *luta de classes*, pois não estaria em sindicatos e partidos, sua ação não seria a partir da fábrica, mas em lugares "novos". O "novo sujeito" expressaria, assim, o resultado de experiências cotidianas e se apresenta em lutas sociais e políticas no interior dos movimentos populares. Em suma, os "novos sujeitos" expressam as novas configurações da luta de classes, os quais se constituíram no próprio processo da *luta de classes* e não anterior a ela.

Símile a essa tese, os trabalhos de Antônio Sérgio Guimarães e Nadya Araújo Castro (1987; 1988) conceberiam a noção de classe a partir dos espaços de identidade, das relações de experiência e, especialmente, no sentido de formação de classe. Essa formação possibilitaria a aglutinação dos interesses coletivos num processo de contra hegemonia. Segundo Guimarães (1987), esse princípio conceitual de *formação* permitiu compreender a constituição de classe a partir de pressupostos teóricos que balizaram a análise das mudanças na estrutura produtiva e,

portanto, na configuração das classes em relação aos mecanismos culturais de "dominação e subordinação", a partir de realidades particulares, proporcionando uma base concreta através da experiência pretérita das classes. É a partir desse pressuposto, e com a contribuição de autores como Adam Przeworski, John Roemer e Erik Olin Wright,[8] além do próprio Thompson, que Guimarães (1987), investigou-se a *formação das classes sociais* na Bahia.

Além de Guimarães e Castro, outra abordagem sobre formação de classe foi destacada no trabalho de Ângela Maria de Castro Gomes, em *A Invenção do Trabalhismo* (1988), obra que analisou os trabalhadores como atores políticos e suas relações com o Estado. Retoma-se, assim, as teses de Edward Palmer Thompson com a obra *A formação da Classe Operária Inglesa*, enfatizando que a formação da classe trabalhadora seria tanto um fato da história econômica quanto um fato da política e cultura. Foi tratando da convergência entre os autores que Gomes buscou realçar a importância de se compreender a classe como processo, rejeitando-a como "coisa" passível de ser deduzida com os meios de produção. Para isso, retoma Thompson para entender que a classe só pode ser compreendida como uma formação social e cultural, que se constrói tanto a partir das experiências dos trabalhadores no processo de produção quanto a partir de suas tradições intelectuais, de seus modelos de relacionamento social e de seus padrões de organização política e profissional.

Além das lutas no espaço urbano, outros estudos abordaram a partir de Thompson os movimentos populares no campo. O trabalho de José de Souza Martins (1989) foi nessa direção, ao buscar as diversas formas de "recusa" dos trabalhadores. De acordo com o autor, as formas de recusa apareceriam em movimentos do campo a partir de aspectos culturais, ou seja, as relações do *costume* e de *tradições*, se constituindo como formas de identidade e resistência às imposições do capital. Assim, a cultura popular deveria ser pensada como cultura, como "conhecimento acumulado, sistematizado, interpretativo e explicativo, e não como cultura barbarizada, forma decaída de cultura hegemônica, mera e pobre expressão do particular" (Martins, 1989, p. 111).

Do mesmo modo que Martins (1989), Elisabeth Souza Lobo (1989) identifica as estratégias da recusa dos trabalhadores diante as formas de dominação de classe. Lobo introduziu as teses do historiador britânico ao abordar as experiências de três operárias, Belisa, Luzia e Nair, para compreender o cotidiano e a resistência das mulheres da classe operária. Lobo partiu das explicações conceituais de E. P. Thompson para entender a experiência como resposta mental e emocional. Para a autora, tal conceito permitiria articular trajetórias e representações, desvinculando, dessa forma, a dicotomia entre objetividade e subjetividade no interior da teoria das *classes sociais* e da *luta de classes*.

No sentido oposto, Luiz Fernando Duarte (1986) aborda as experiências da classe trabalhadora e suas ambiguidades para tratar sobre a "vida nervosa". Para isso, passou a identificar a identidade social e cultural de classe, enfocando as tensões vivenciadas pelos trabalhadores, principalmente no que se referem às "perturbações físico-morais" sofridas por eles, permitindo ao autor compreender não somente as características fundamentais de sua cultura, como também o modo pelo qual se retrata e articula a referida relação com os mecanismos culturais dominantes nas sociedades permeadas pelo individualismo de que fazem parte.

Já entre os antropólogos, o principal nome foi José Sérgio Leite Lopes, pesquisador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lopes (1982; 1988) passou a utilizar as categorias de Thompson como *identidade*, *formação*, *cultura* e *consciência de classe*. Sua principal obra desse período foi *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*, um estudo sobre os trabalhadores da cidade de Paulista em Pernambuco, cujo objetivo consistiu na investigação das relações de dominação fabril daquela região. A companhia de Tecidos Paulista surgiu nos anos de

[8] As obras referenciadas são: Adam Przeworski (1977), *Proletariat into a class: the process of class formation from Karl Kautsky's the class struggle to recent controversies*; John Roemer (1982), *A general theory of exploration and class*; Edward Palmer Thompson (1958), *The Making of the English Working Class*; e Erik Olin Wright (1985), *A general framework for analysis of class*.

1890, e, nas décadas subsequentes, espalhou-se pelo Nordeste e depois pelo país, primeiro com as Lojas Paulistas e depois as Casas Pernambucanas.

Lopes pesquisou a vida cotidiana dos trabalhadores e introduziu os trabalhos de Thompson – *A Formação da Classe Operária Inglesa*, *Whigs and Hunters*, *The Origins of the Black Act* e *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase* – procurando mostrar a importância das tradições, cultura e o modo de vida dos empregados da Paulista. Além disso, investigou também as formas de dominação presentes nas relações sociais da "cidade das chaminés" e que tem a fábrica como o principal gerador de empregos. Foi nesse ambiente que o antropólogo evidenciou a formação de uma identidade social e de uma "consciência de classe" por parte do operariado, tal como sugere na obra de Thompson.

Além de Lopes, o antropólogo Afrânio Raul Garcia Júnior (1989) tratou como objeto de estudos o campesinato e os deslocamentos da região nordeste para outras do país, procurando compreender as experiências desse deslocamento e a busca do entendimento dos limites da dominação tradicional e estratégias de lutas materiais e simbólicas. Um dos elementos estudados pelo autor foi a dimensão de liberdade dos trabalhadores em relação aos empregadores, a qual, o autor compreende como uma dimensão em que os sujeitos detêm possibilidades de realizar suas resistências e lutas. Aliás, realça que são a partir dessas resistências e lutas que se constitui a classe. Sobre este elemento específico, Garcia Jr. explica a partir de Thompson.

> O historiador inglês E. P. Thompson analisa as lutas por liberdade política e por liberdade de pensamento e culto religioso, em toda a sociedade, como partes fundamentais do processo de construção da classe operária inglesa (Garcia Júnior, 1989, p. 16).

Não obstante, Margarida Maria Moura (1988) desenvolveu o seu trabalho a partir de sua tese de doutorado e orientado por José de Souza Martins no departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. A autora investigou as relações sociais do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, tal como luta pela terra e a violência contra os trabalhadores. Foi a partir dos conflitos sociais que se evidencia o "*modus operandi* das classes sociais em formação" (Moura, 1988, p. 9). Com base nos conflitos pela terra que a autora verificou não somente a luta, mas também as leis e costumes presentes na vida social, além das formas de acesso à terra, organização do trabalho e "revestimentos simbólicos" presentes na vida social desses trabalhadores. Resgata-se, assim, a partir da obra *Whigs and Hunters: the origin of the Black Act* os rituais de estudos da justiça, ou seja, o cenário jurídico que envolve as relações que permeiam o conflito na região estudada. Tais conflitos representam a expressão do conflito de classes, tal como Thompson referenciou em *Senhores e Caçadores*, em torno da lei, isto é, lutas que envolvem questões referentes à terra e trabalho.

Além de *Senhores e Caçadores*, outras referências foram significativas em sua obra quando se trata da cultura popular e sua significação para o modo de vida de uma parcela da população, o artigo *Folklore, Anthropology, and Social History*, publicado em *Indian Historical Review vol. III* de Thompson e o trabalho de Pierre Bourdieu que trata sobre mecanismos de dominação, *Les modes de domination* (1976).

Entre os intelectuais estrangeiros e com atuação na academia brasileira, a presença significativa foi de Verena Stolcke. O debate proposto pela antropóloga foi referente às raízes de subordinação das mulheres na sociedade de classes no interior da análise das Ciências Sociais e, principalmente, no marxismo. Com uma crítica à abordagem marxista em relação aos papéis de gênero na sociedade contemporânea, Stolcke (1980) esclarece que os marxistas centraram suas pesquisas nas relações de produção e desconsideraram a reprodução da sociedade de classes em todos os níveis das relações sociais, ignorando a subordinação das mulheres. Além disso, a respectiva interpretação que prioriza as relações de classe, trabalho produtivo e a emancipação, passa a dimensionar o trabalho doméstico como improdutivo e delimitado a qualquer forma de emancipação, sendo exclusivo apenas aos trabalhadores que realizam o trabalho produtivo. Por isso, Stolke (1980, p. 85) procura questionar a literatura marxista que atribui a situação das

mulheres "à sua exclusão do trabalho 'produtivo', propondo ainda que a emancipação delas dependa de sua incorporação na 'produção social'".

Para a autora, o marxismo desconsiderou as formas de dominação de gênero, atribuindo ainda que, mesmo em países socialistas, essa subordinação estaria presente. Assim, pensando sobre a questão da mulher na sociedade de classes, Stolke dialogou com diversos autores, entre eles o trabalho de Thompson publicado conjuntamente com Jack Goody e Joan Thirsky, *Family and Inheritance* (1976), para se pensar as relações de casamento, núcleo familiar e herança no período pré-capitalista, entendendo a formação a partir da manutenção da família burguesa.

Entre os cientistas políticos, a obra *A classe operária no Brasil*, organizada pelo cientista político Paulo Sério Pinheiro e o historiador Michael McDonald Hall, publicada em três volumes, tratou a história da classe operária brasileira a partir de uma perspectiva analítica não tradicional. No segund volume, buscou evidenciar as experiências cotidianas dos trabalhadores, as condições de vida e trabalho, relações com empresários e Estado, resgatando documentos que evidenciam as relações cotidianas dos trabalhadores brasileiros. Procurou, dessa forma, abranger o modo de vida e as práticas cotidianas e evidenciar as relações e condições de trabalho, assim como as ações do empresariado e do Estado em relação à classe operária. Portanto, a contraposição analítica direciona-se para as pesquisas sobre a classe operária enquadradas no modelo clássico do marxismo ortodoxo. De acordo com os autores, por muito tempo "a história da classe operária ficou reduzida às instituições sindicais e partidárias, geralmente limitadas ao contingente dos que militavam no movimento operário" (Hall; Pinheiro, 1979, p. 9). Assim, a partir da perspectiva da História Social, procuraram ampliar a dimensão de luta, resistência e as próprias relações cotidianas dos trabalhadores para além do ambiente fabril. Para isso, os autores reafirmam a noção de classe a partir de E. P. Thompson.

> Nós tendemos a concordar com E. P. Thompson que a classe é uma categoria histórica, definida pela maneira como os homens vivem sua própria história. Os trabalhadores, ao experimentarem a exploração, identificam os pontos de interesse antagônico e as formas em que se realizam de sorte que a classe e a consciência de classe emergem da própria *luta de classes* (Pinheiro; Hall, 1979, p. 9, grifo meu).

Os autores afirmam que sem essa compreensão de suas condições de vida, de seu cotidiano e de suas lutas no processo histórico, os estudos sobre o operariado tenderiam cair num modelo que poderia fornecer como verdadeira formação de classe em determinada etapa histórica, vertente historiográfica que buscava dar sentido a classe ao partido. Compreende-se que, mesmo os estudos de cientistas políticos, o diálogo com outras abordagens das ciências humanas foi um movimento de crítica ao modelo teórico anterior, proporcionando uma nova abordagem à *luta de classes*. Uma característica dessa abordagem foi em relação à formação de classes no Brasil.

Yonne de Souza Grossi (1981) preocupou-se em pesquisar a classe operária em Minas Gerais, examinando as experiências dos trabalhadores em relação às práticas sociais e políticas desse grupo. Por outra via, José Álvaro Moisés, Verena Martinez-Alier, Francisco de Oliveira e Sérgio de Souza Lima (1978) publicavam *Contradições urbanas e movimentos sociais*, obra que realça a importância de se refletir sobre os novos protagonistas a partir dos movimentos sociais. O capítulo de José Álvaro Moisés e Verena Martinez-Alier, *A revolta dos suburbanos ou "patrão, o trem atrasou"* trata das revoltas populares contra os deficientes serviços ferroviários das periferias de São Paulo e Rio de janeiro. Francisco C Weffort, no prefácio da obra, descreve que,

> Afinal, vale sempre a pena perguntar por que problemas como este, embora postos diretamente debaixo de nossos olhos e sofridos desde há muito no dia a dia das classes populares, só tão recentemente começaram a ser vistos pelas autoridades governamentais e – por que não dizer? Pelos próprios intelectuais. (Moisés et al., 1978, p. 10)

O termo classe não estaria mais isolado e complementou-se com a categoria "popular". A categoria *classes populares* abrange todas as frações da classe trabalhadora. Para Weffort, os trabalhos apresentados neste livro demonstrariam o interesse dos intelectuais sobre a revolta dos

suburbanos e em entender a formação da consciência popular. Dessa forma, Moisés e Martinez-Alier reinterpretam as formas de manifestações como depredações de trens e estações, que estariam relacionadas às precárias condições do transporte, e as contradições urbanas que os trabalhadores vivem enfrentam em seu cotidiano. A ação coletiva das classes populares ocorre a partir de uma "identidade da penúria" e resultando em diversas formas de solidariedade e de luta contra a opressão cotidiana.

Retoma-se, assim, dois historiadores que trataram do fenômeno da rebelião popular, Eric J. Hobsbawm, com a obra *Rebeldes Primitivos* e E. P. Thompson, com o artigo *The Moral Economy of The English Crowd in the Eighteen Century*, publicado na revista Past & Present, em 1971. Além dos historiadores, os autores introduziram as obras de Manuel Castell's, Lefevbre e Lojkine. Por fim, concluíram que as ações encontradas pelas *classes populares* para pressionar o Estado se constituíram em organizações representativas como sociedade de amigos de bairros, e sua ação direta estaria relacionada às condições urbanas de reprodução da força de trabalho. Eventualmente, as ações são de forma direta e espontânea, o que demonstraria um modelo oposto às teorias que propunham uma organização de classe e uma ação coletiva organizada.

Outro trabalho que dialogou diretamente com as obras de Thompson foi de Francisco Foot Hardman, que publicou, em 1983, a obra *Nem pátria, nem patrão*. Hardman procurou entender a cultura operária, suas associações e, principalmente, a presença anarquista, as diferenças e identidades de classe, atentando-se para não limitar sua pesquisa a uma simples condicionante de uma história tradicional de vanguarda. Por isso, na introdução, afirma que os trabalhos de Raymond Williams, E. P. Thompson, E. Hobsbawm, Michele Perrot, entre outros, expressam uma historiografia que procurou não se deixar levar pelas representações vanguardistas. Para Hardman,

> O peso que os fracassos da social-democracia e do stalinismo – para só ficar em dois exemplos cabais – imprimiram às novas gerações de historiadores e militantes explica, em parte, o cuidado, as dúvidas mais do que certezas e a atitude de desconfiança com que nos debruçamos a examinar discursos autoproclamados "operários", "revolucionários" e outros paradigmas da "verdade histórica" (Hardman, 1983, p. 14-15).

Buscou-se, dessa forma, distanciar-se de interpretações mecanicistas do operariado, ou seja, evitando a noção "sociologizante e estática da luta de classes" (Hardman, 1983. p. 23); ao invés disso, procurou compreender o processo histórico e sua formação a partir de trabalhos como os de E. P. Thompson *Eighteenth-Century English Society: Class Struggle Without Class* e *La Formación Historica de La Clase Obrera*. Ademais, destacou como as instituições do operariado, sua cultura e os conflitos de classe foram formas de sociabilidade e que faziam parte na constituição de uma classe. Assim, Hardman expressa o seu entendimento sobre o conceito de classe, ao citar Thompson em *Eighteenth-Century English Society: Class Struggle Without Class*, em que considera como categoria histórica e, portanto, vinculada indissoluvelmente à luta de classes.

Em suma, os trabalhos aqui apresentados dialogaram diretamente com as categorias centrais de E. P. Thompson, um diálogo permanente com uma História Social que, aos poucos, se consolidava entre os jovens pesquisadores da década de 1970 e 1980. Para esses cientistas sociais, as contribuições das categorias desenvolvidas pelo historiador britânico como *experiência* e *formação* possibilitaram resgatar não somente as formas em que a classe se forma e se organiza, mas também como ela se apresenta no palco da *luta de classes* de diferentes maneiras e lugares.

Considerações finais

Visto que as obras de E. P. Thompson foram recepcionadas num determinado contexto histórico, alheio ao europeu, questiona-se, por que Thompson? Sua recepção expressaria as mudanças no cenário político brasileiro, mas esse cenário não foi exclusivo do Brasil. Como afirma Bryan D. Palmer (1996), Thompson foi um dos 250 autores mais citados de todos os tempos, com obras de grande sucesso no cenário internacional e, como destacou Muryatan Barbosa (2009),

sua referência foi destacada em diferentes lugares, seja nas academias europeias, latino-americanas, estadunidenses, seja em obras de membros dos Estudos Subalternos Indianos.

No cenário europeu, as teses de Thompson se destacaram após um cenário de crise dos partidos comunistas e do bloco soviético depois do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em 1956, além dos impactos da Revolução Húngara no mesmo ano e os levantes de Maio de 1968 na França. No Brasil, suas obras desembarcaram diante uma conjuntura de final dos anos de 1970, com a Ditadura Militar, as greves no ABC Paulista, o retorno dos intelectuais exilados, em 1979, e o advento dos movimentos sociais e as pesquisas desenvolvidas pelo CEDEC. Ademais, o surgimento da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT) foram importantes eventos que ressignificaram os estudos sobre os movimentos populares.

Thompson foi recepcionado diante uma circularidade intelectual, de chegada de professores estrangeiros e brasileiros cuja formação acadêmica transitaria pelas universidades internacionais, promovendo no país produções críticas ao marxismo economicista e teleológico. A recepção de suas obras marca a especificidade de um tempo em que teorias economicistas e mecanicistas passaram pelo crivo da crítica juntamente com o modelo de "vanguarda política". Sua recepção foi a marca de transição de uma época, em que a *luta de classes* ultrapassaria os muros da fábrica e seria reconhecida pela *intelligentsia* brasileira em diferentes ambientes do cotidiano.

Referências

ABRAMO, Laís Wendel. Greve metalúrgica em São Bernardo. In: KOWARICK, Lúcio. *As lutas sociais e a cidade de São Paulo:* passado e presente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 181-216.

ABREU, Alice Rangel de Paiva. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção.* São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBOSA, Muryatan S. Subaltern Studies: pós-colonialismo e desconstrução. In: 3º seminário nacional de história da historiografia, 2009, Ouro Preto. *Anais & Caderno de Resumos do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia:* aprender com a História? Ouro Preto: Edufop, 2009. v. 1. p. 1-9.

CITTADINO, Gisele. Movimentos Sociais urbanos: crise política e democratização. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 50-63, 1988.

DO BEM, Arim Soares. A centralidade dos movimentos sociais na articulação entre o Estado e a Sociedade brasileira nos séculos XIX e XX. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1137-1157, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/FzqQKn9DfYLhybbNnfsdWXf/?lang=pt>. Acesso em: 27 jun. 2025.

DUARTE, Luiz Fernando. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FONTES, Paulo; MACEDO, Francisco. Entrevista com Michael Hall. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 29, n. 59, p. 813-846, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/eh/v29n59/0103-2186-eh-29-59-0813.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. *O sul:* caminho do roçado, estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora Universidade de Brasília, MCT-CNPQ, 1989.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação.* São Paulo: Cortez, 1992.

GROSSI, Yonne de Souza. *Mina de morro velho*: a extração do homem, uma história de experiência operaria. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Entrevista sobre a recepção de E. P. Thompson no Brasil.* Entrevistador: Breno A. O. Santos. São Paulo. 1 arquivo em MP3 (36 min). 2017.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio; CASTRO, Nadya Araújo. Espaços regionais de construção de identidade: a classe trabalhadora no Brasil pós-77. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 13-49, 1988.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio; CASTRO, Nadya Araújo. Estrutura e formação de classes sociais na Bahia. *Revista Novos Estudos*, São Paulo, n. 18, p. 57-69, 1987.

HALL, Michael McDonald. A classe operária no Brasil: documentos (1889-1930). v. 2. São Paulo: Brasiliense/FUNCAMP, 1981.

HALL, Michael McDonald. *Entrevista sobre a recepção de E. P. Thompson no Brasil.* Entrevistador: Breno A. O. Santos, São Paulo. 1 arquivo em MP3 (1h 48min). 2016.

HARDMAN, Francisco Foot. *Entrevista sobre a recepção de E. P. Thompson no Brasil.* Entrevistador: Breno Santos, São Paulo. 1 arquivo em MP3 (1h 22 min). 2017.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão:* vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEME, Dulce Maria Pompêo de Camargo. *Trabalhadores ferroviários em greve.* Campinas: Editora UNICAMP, 1986.

LOBO, Elisabeth Souza. Experiências de mulheres: destinos e gênero. *Tempo Social*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 169-182, 1989.

LOPES, José Sérgio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés.* São Paulo: Marco Zero, 1988.

MARTINS, José de Souza. *Caminhada no chão da noite:* emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo. São Paulo: Hucitec, 1989.

MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

MOISÉS, José Alvaro. *Contradições urbanas e movimentos sociais.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1978.

MOURA, Margarida Maria. *Os deserdados da terra:* a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

PALMER, Bryan D. *Edward Palmer Thompson:* objeções e oposições. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: *Comunicação nº 7.* Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1984, p. 16-65.

PERRUSO, Marco Antonio. *Em busca do "novo": intelectuais brasileiros e movimentos populares nos anos 1970/80*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Entrevista sobre a recepção de E. P. Thompson no Brasil*. Entrevistador: Breno A. O. Santos, São Paulo. 1 arquivo em MP3 (29 min). 2017.

RAMALHO, José Ricardo. *Estado patrão e luta operária:* o caso FNM. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RAMOS, Igor Guedes. *Genealogia de uma operação historiográfica: as apropriações dos pensamentos de Edward Palmer Thompson e de Michel Foucault pelos historiadores brasileiros na década de 1980*. Tese (Doutorado em História), São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/114009>. Acesso em: 27 jun. 2025.

RIOS, Flavia; GATO, Matheus; SOTERO, Edilza. Classe, cor, raça e racialização na agenda das ciências sociais: entrevista com Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. *Plural*, São Paulo, v. 23., n. 1, p.75-95, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/118387/115940>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena:* experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1979-1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SADER, Eder; PAOLI, Maria Célia. Sobre "classes populares" no pensamento sociológico brasileiro (notas de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth. (Org.). *A aventura Antropológica:* teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p . 39-67.

STOLCKE, Verena. Mulheres e trabalho. *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 26, p. 81-117, 1980.

TELLES, Vera da Silva. Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos. In: KOWARICK, Lúcio. As lutas sociais e a cidade de São Paulo: passado e presente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 217-252, 1988.

TELLES, Vera da Silva. *Entrevista sobre a recepção de E. P. Thompson no Brasil*. Entrevistador: Breno A. O. Santos, São Paulo. 1 arquivo em MP3 (35 min). 2017.

VIANNA, Luiz Werneck. *A classe operária e a abertura*. São Paulo: Cerifa, 1983.